



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 97

Caminhos no deserto

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Sabe aquelas ondas de calor que aparecem saracoteando em cima do asfalto, num dia bem quente? Que às vezes, dependendo do ângulo e da luz, parece que o horizonte tá líquido?

As três histórias do Rádio Novelo Apresenta dessa semana tão mais ou menos na mesma vibração. Entre desertos, oásis, e miragens – com gente no meio de tudo isso só tentando matar a sede.

No nosso primeiro ato, o que a gente tem é um deserto de ideias com várias miragens de soluções. Quem começa é a Carolina Moraes.

ATO 1: OS COACHES CONTRA O COACH

Carolina Moraes: No princípio era a Empresa. A Empresa estava com os coaches, e os coaches estavam com a Empresa.

Ana Pinho: O coach corporativo, dos anos 90, era mais um coach de meta de carreira, meta corporativa, liderança corporativa, melhorar habilidades de negócios e como fazer para você chegar lá.

Carolina Moraes: Esse coach que a Ana Pinho tá descrevendo é do tipo reservado. Ele faz atendimentos individuais ou para grupos pequenos. E, claro, ele não tem rede social.

Mas a gente sabe que o termo “coach” virou outra coisa, que não serve só pro mundo do trabalho. “Ser coach na vida” tá virando quase uma ideologia. E talvez seja nisso que você pensa quando escuta a palavra “coach”.

Ana Pinho: Nesse período que o coach se expandiu no Brasil para ser também autodesenvolvimento e autoconhecimento, uma ferramenta, um processo para isso... Aí você poderia fazer o autodesenvolvimento de qualquer coisa. Você poderia fazer coaching de vida, podia fazer coaching de finanças, podia fazer qualquer coisa, porque você estava ajudando alguém a desenvolver habilidades que essa pessoa achava que precisava.

Carolina Moraes: E, para eles serem lidos como coaches, eles precisam ser vistos. Eles criam contas nas redes sociais, impulsionam o número de seguidores, vendem cursos na internet, organizam apresentações para plateias imensas...

E tem coach pra qualquer coisa. Mas se tem um problema comum, que quase todo mundo precisa resolver, é dinheiro.

Ana Pinho: E aí esses coaches que a gente vê mais são coaches voltados ao dinheiro. Porque, imagino eu, minha teoria, porque as pessoas não têm dinheiro, então elas precisam de dinheiro e elas falam: “Eis uma habilidade que eu preciso: desenvolver a habilidade de ganhar dinheiro”.

Ana Pinho: Tá todo mundo aí na fila pra entrar ainda, será?

Motorista: Provavelmente, é. Para entrar.

Ana Pinho: Olha só... Quanta gente, estou chocada! O senhor sabe o

que é isso?

Motorista: Não.

Ana Pinho: É um evento de reprogramação mental.

Motorista: Vish... [Ana ri]

Carolina Moraes: Em 2022, a Ana se atirou nesse universo dos coaches que te ensinam como ganhar dinheiro. O método que ela queria investigar propunha um jeito bem peculiar de mudar a sua situação financeira, que é: alterar o seu DNA.

Ana Pinho: Porque a ideia era que você ia poder mudar o seu código genético com o poder da mente.

Ana Pinho: E... minha pulseirinha esmeralda, tenho que ficar com ela até amanhã, vou tomar banho com ela.

Ana Pinho: Tudo bem? Bom dia!

Organizadora: Bom dia, lindona ! Bom evento!

Ana Pinho: Obrigada! Ai, que simpática!

Carolina Moraes: A Ana se inscreveu com o objetivo de entender como o DNA podia ser alterado através da mentalização. Quer dizer, ela foi pra lá sabendo que, na verdade, não tem como alterar o código genético mentalizando alguma coisa – melhor deixar isso claro de largada, né. Na verdade, ela queria entender como eles vendiam essa ideia ali.

Porque, mesmo sendo uma aberração científica, esse método atrai muita gente. Livros sobre o “DNA Milionário” viraram best-sellers no Brasil. Então, pra desvendar esse mistério, a Ana se inscreveu no treinamento de dois dias da Elaine Ourives, que se descreve como “Treinadora Mental e Reprogramadora Vibracional”.

Organizadora do evento: Antes de começar eu quero apenas saber uma coisa: quem aqui vai ganhar?

[Ana e plateia gritam]

Luzes na BMW, por favor! Luzes na BMW que a Elaine vai acelerar ela!

[Começa música de sorteio]

Ana Pinho: Aí agora ela tá entrando no carro, que tá no palco...
Acelerando o carro! E ela tá num vestido brilhante chiquérrimo.

Ana Pinho: E aí essa essa mulher, que faz um enorme sucesso na internet e diz que ficou extremamente rica – e eu não duvido, porque o evento que eu fui foi numa arena de shows de 4 mil pessoas e estava completamente lotado, e o meu ingresso era de longe o mais barato –, ela fazia um grande pot-pourri, assim.

E apesar de eu ter ido lá porque eu achei que ela ia falar sobre a mudança do código genético através do poder da mente, que eram os livros, os best-seller dela eram sobre isso, é uma grande mistura muito louca de todas as coisas que você pode imaginar. E baseadas, assim, tentando ser embaixadas por um sistema único assim. Que, no caso dela, era a física quântica.

Elaine Ourives: Então co-criamos a nossa realidade quando julgamos, quando rezamos, quando desejamos intensamente algo. Esse campo é elétrico e magnético. O que significa? Pensamentos produzem ondas elétricas. Coração produz ondas magnéticas. Quando na tua vida nada acontece, o que significa? Você só está pensando! Puta que pariu!

Carolina Moraes: Nem a Ana, nem eu entendemos direito o que eram as frequências que a Elaine fala. Mas, em resumo, nessa teoria dela, todos nós emanamos uma frequência. E você pode mudar essa frequência. Basta meditar e mudar alguns comportamentos.

Ana Pinho: Porque nesses sistemas de coaches voltados para essa prosperidade o problema de você não ser rico é sempre você. Você não está,

nesse caso, vibrando corretamente na energia correta, está vibrando na energia da pobreza, na energia da escassez. E aí você poderia trocar a sua frequência para você vibrar nessas outras coisas.

Elainne Ourives: Como seria...

Ana Pinho: Tá todo mundo de olho fechado, real assim, ninguém tá roubando.

Elainne Ourives: Como seria se você tivesse seis vezes mais que seu saldo bancário? Como você se comportaria, como você se vestiria, como as pessoas te tratariam? Como você se sentiria vivendo essa realidade? [Música se intensifica]

Ana Pinho: [meditando] Eu vou comer um suflair...

Elainne Ourives: Sinta suas células mudando...

Ana Pinho: E aí, no meio dessa coisa de vibração, ela colocava, salpicava ali um DNA, salpicava ali, de vez em quando vinha um deus. De vez em quando vinha o universo criador. Era assim, tinha pra todos os gostos. E era um momento de muita catarse emocional, porque geralmente era de olho fechado. Acho que justamente para as pessoas entrarem mais no clima, uma música super-épica. Então, era fácil, assim, você se deixar levar.

Carolina Moraes: Mas, pra Ana, a sensação era de que nada ali fazia muito sentido.

Ana Pinho: Estamos atualmente treinando o oitavo decreto quântico... Acelerado! Eu tô aqui há horas e ainda não sei porque que o decreto é quântico. [Mulher gritando: Consciência de luz! Pessoas gritando junto]. Mas o povo concorda, o povo tá dentro.

Ana Pinho: Um pensamento começava e não terminava. Um hora você era uma pessoa dirigindo um carro e na outra você era uma águia. Aí tinha banco, tinha poupança quânticos, tudo quântico. Então, se...

Carolina Moraes: Como assim, pera, como assim um banco quântico? Você pede dinheiro para o banco da sua vibração?

Ana Pinho: Basicamente. Juro para você. Porque o Banco Quântico, o universo, não vai te dar nada que você não mereça. Ele está te olhando atentamente, todos os seus passos, e decidindo se você vale uma frequência mais, ou menos. E aí, se você tivesse insights durante as falas, e eram falas, assim, sem parar, eram palestras de horas e horas e horas. Era um fôlego estupendo que aquele pessoal tinha. Se você tivesse um insight durante, você ganhava frequência no seu banco quântico e ela ficava lá guardada. Era sua. Até a frequência é sua, está na sua conta. Então era uma coisa muito individual, de “mesmo entre milhares de pessoas você ainda tinha que se resguardar”.

Carolina Moraes: O objetivo do evento, lembrando, era ensinar a vibrar riqueza.

Ana Pinho: Os coaches que trabalham com essa coisa mais aspiracional, geralmente de riqueza ou de família, eles centram tudo na história de vida deles e de como eles superaram muitos não e muitos desafios e muitos problemas para chegar onde eles chegaram.

Carolina Moraes: A Elaine ensinava isso no auditório, em meditações guiadas e palestras sobre a própria vida.

Ana Pinho: Ela não era diferente, ela tinha quase quebrado ou já tinha quebrado. Ela tinha filho, não tinha comida para dar para os filhos. E aí ela mentalizou que ela ia ter uma BMW. Ela colou um post-it no volante do carro dela, que não era uma BMW e que um dia seria uma BMW: e voilà! Tínhamos a BMW dela no palco.

Elaine Ourives: Faz mais de dois anos que esse carro está aí, como uma cocriação de algo que eu desejei muito, que eu queria muito. Isso me alimentava, isso me motivava a buscar os resultados que eu almejava.

Carolina Moraes: A Ana não se credenciou no evento como jornalista, ela decidiu ir à paisana, como participante, para poder passar despercebida. Ela aproveitou os intervalos para comer, para conversar com outros alunos. Vários deles já estavam no terceiro, quarto curso da Elaine.

Ana Pinho: E aí você via que as pessoas levavam aquilo muito a sério, que aquela era uma pessoa em que a maioria das pessoas ali, pelo menos que eu conversei, confiava assim, tipo, não confiava a vida, não confiava cegamente, mas achava que aquilo traria sim alguma coisa, porque já vinham fazendo e acho que nada de terrível tinha acontecido. Então elas continuaram fazendo.

E uma coisa muito específica desses cursos dos coaches é que eles parcelam em muitas vezes. Quanto maior o valor, mais vezes eles parcelam e muitas vezes eles vão parcelar no boleto. Então você nem precisa ter o crédito no cartão, porque não são baratas essas coisas.

Carolina Moraes: E quanto que precisava pagar para os seus problemas acabarem? Qual era o valor do ingresso?

Ana Pinho: Você acha que o ingresso era onde você ia acabar com seus problemas? Não! O ingresso era onde você ia ter uma imersão em todos os cursos e mentorias disponíveis para então você resolver o seu problema. Então, o ingresso na época, isso faz dois anos, foi R\$800.

Eu chequei, estou com a página aqui, quero ver o valor de 2024. Então, o meu ingresso, em 2022, foi R\$800 para dois dias, e eles eram divididos em três categorias. Cada categoria era uma pedra preciosa. Então você tem o ingresso agora, esse ano, de R\$780 a R\$999 e R\$4500.

Carolina Moraes: E além do dinheiro do ingresso, você ainda pode investir em vários objetos que te ajudam a sair da pobreza.

Ana Pinho: E aí, no intervalo tinha lojinhas no ali, na arena de show. E aí eram lojinhas que vendiam as coisas das mais variadas. Assim, vendia água,

garrafa de água com os cristais colados embaixo, que, sei lá, purificava a água por R\$400 e vendia, sei lá, foto, caderninho, copo.

Tudo era muito caro e estava todo mundo vestido assim, bem vestido, porque vinha no ingresso que não precisava ir de business, mas você tinha que ir com uma roupa que você achasse que ia atrair o tipo de status que você queria.

Eu vestia uma calça jeans, uma blusa preta e um casaco que parecia um roupão de chenille, muito confortável. Eu vibrei humanas! E tinha uma galera assim, uns dois perdidos ali de gala, tipo, ternão, de vestido comprido assim, porque estavam vibrando “celeb”.

Carolina Moraes: O mercado oficial de coaches dá muito dinheiro. A Federação Internacional de Coaching calcula que 25 bilhões de reais foram movimentados no mundo por causa desses profissionais.

Mas o difícil é entender quem é considerado coach hoje. O nosso imaginário já atrela essa profissão ao coach palestrante, influencer, que usa uma pseudo-ciência para vender soluções falsas.

Só que tem uma coisa que eu fiquei sabendo recentemente, que é: os coaches ligados a empresas, aqueles que começaram a criar esse mercado nos anos 90, eles não estão gostando nada dessa história de coach de palestra.

Eles querem tomar as rédeas do uso dessa palavra para ela voltar a ter o sentido original – que não deveria, segundo eles, tá colado na picaretagem. Inclusive, esses bilhões movimentados pela indústria que a Federação de Coaches contabiliza, não são ligados a profissionais como a Elaine.

Os coaches originais estão tentando fechar essa caixa de Pandora que começou com palestra motivacional, foi parar em mentalizações quânticas, e agora está até entrando na política – mas a gente já chega lá. Para resumir: os coaches da velha guarda estão numa missão caça às bruxas desses novos coaches midiáticos.

A Ana Pinho se juntou à Bárbara Rubira, repórter aqui da Novelo, para ir atrás desses coaches originários.

Ana Pinho: Primeiro a gente tentou conversar com uma que não quis. Falou que não ia querer falar porque não queria mais ser associada.

Carolina Moraes: A Elaine, do DNA milionário, vende cursos de “coaching”, mas ela não usa mais o termo “coach” para se descrever. E vários desses coaches midiáticos também estão se afastando do termo. Eles usam “treinador motivacional”, por exemplo. Ou se consideram “ex-coach”.

Só que os coaches do outro lado do balcão, os que trabalham discretamente para grupos pequenos, também não sabem muito bem o que fazer com essa nomenclatura. A primeira mulher que a Ana e a Bárbara procuraram, por exemplo, abandonou o termo de vez.

Ana Pinho: E aí agora ela não se dizia mais coach, ela se dizia orientadora profissional, então que ela já tinha se distanciado do termo porque o termo tinha sido banalizado.

Carolina Moraes: A Ana e a Bárbara descobriram, aliás, que essa não é uma luta tão recente assim.

Elas encontraram uma edição da Revista Coaching Brasil, de 2016, toda dedicada ao “coach picareta”. E essa revista era editada pelo coach Luciano Lannes. E ele, sim, topou falar.

Luciano Lannes: Eu sou o Luciano Lanes. Eu trabalho com desenvolvimento humano há mais de 26 anos...

Ana Pinho: Quando a gente conseguiu achar o Luciano, a primeira coisa que eu fiz foi ir no YouTube dele.

Carolina Moraes: O vídeo mais recente que elas encontraram é de três anos atrás, e o mais visto não chega a 400 visualizações.

Ana Pinho: Então ele não tem presença no YouTube, e ele fala isso na entrevista que a gente fez.

Luciano Lannes: Uma coisa interessante é que se você pegar, se eu te passar o nome de 100 coaches extremamente sérios no Brasil, os melhores cem coaches do Brasil, você não vai reconhecer o nome de nenhum deles, porque nenhum deles está na internet. Nenhum deles tem canal de YouTube, nenhum deles faz oba oba na internet. Então assim, é possível que tenha alguém que faz um oba oba na internet bom que seja um profissional ético? Até é possível, mas nesse momento não me vem o nome de nenhum.

Ana Pinho: É difícil encontrar coisas deles na internet porque eles trabalham mais por indicação de executivo para executivo, de RH para RH, e eles vão construindo essa rede dessa forma. Eu até perguntei para ele: “mas, assim, a banalização do termo coach com essa geração de coaches midiáticos atrapalhou os negócios?” Ele falou: “para mim, nada”.

Luciano Lannes: Mas, quanto menos informação o público tem, mais resistência ele criou. Então, agora que você fala de coach para níveis de liderança muito mais baixos as pessoas não querem, porque elas já associam com picaretagem, com palhaçada e coisa e tal. Mas quando você fala com níveis mais altos de executivos, todo mundo faz isso.

Carolina Moraes: A profissão de coach não é regulamentada no Brasil – e as instituições de coaching nem querem que essa regulamentação aconteça. Elas alegam que a decisão das regras pode acabar caindo nas mãos de quem só quer ganhar dinheiro. A Ana perguntou pro Luciano o que, então, define um coach.

Luciano Lannes: O coaching verdadeiro... Então, assim, se você perguntar: “Coaching: de onde vem e para onde vai?” Então coaching, ele é um processo. Se você perguntar: “Ele nasceu de onde, ele vem de onde?” Então as bases do coaching é o processo da maiêutica de Sócrates. Sócrates, ele trabalhava com base em perguntas. Então o princípio dele é que a gente não sabe tudo...

Carolina Moraes: A resposta do Luciano durou quase quatro minutos. Mas deu pra perceber que cada profissional acaba definindo de um jeito um pouco diferente o que é o coaching pra ele. Então, já que a gente não tem um consenso... deixa a Ana resumir.

Ana Pinho: Nunca você vai poder ter um coach em um palco para milhares de pessoas, muito menos para milhões de pessoas no YouTube. Porque o coach, o original, é altamente personalizado, customizado. Ele é sobre os problemas da Carol. Ele é sobre os problemas da Ana.

Carolina Moraes: Basicamente, o coach propõe as melhores perguntas para você mesmo pensar e encontrar soluções pros problemas que você quer resolver.

Ana Pinho: 15 anos atrás, tinham muitas escolas de formação de coaches. E aí as pessoas meio que entraram num esquema de pirâmide. Você formava coach para formar coach, para formar coach... E aí inundou o mercado de coach.

Carolina Moraes: E esse mercado de coaching colidiu com uma moda dos anos 2000.

Ana Pinho: Na minha pesquisa, eu fiz toda uma arqueologia que ligava "O Segredo", acho que começo dos anos 2000, até a Oprah. Potencialmente, toda essa situação é culpa da Oprah, porque a Oprah repopularizou "O Segredo", que era você manifestar, jogar para o universo que você queria que acontecesse e esperar vir.

Carolina Moraes: O livro "O Segredo" foi lançado em 2006, e virou best-seller no Brasil nos anos seguintes.

Ana Pinho: E eu acho que muita gente vai lembrar da capa do "O Segredo", que era um pergaminho e tinha um selo vermelho, de carta, e um "S"...

Carolina Moraes: O segredo é basicamente uma lei da atração que te ajuda a criar a vida que você quer. O que você pensa, acontece. Mentaliza positivo, atrai positivo. Mentaliza negativo, atrai negativo. A história da Rhonda Byrne, que é a autora

desse livro, até parece com a da Elaine Ourives, a treinadora do DNA Milionário.

Ela estava num momento tenebroso da vida e aí veio um "insight", uma solução pra mudar tudo: ela passou a acreditar que mentalizar intensamente uma coisa pode transformar o mundo real. E a Oprah divulgou esse método pro mundo inteiro.

Oprah: *It is the secret. To create the life you truly want, make more money, lose weight, fall in love, land your dream job.*

Ana Pinho: Tem sim uma ligação muito forte entre essa autoajuda, que no começo dos anos 2000 já misturou autoajuda empresarial com a ajuda pessoal. Já começou a virar um mix.

Carolina Moraes: Observando o mercado de coaches hoje, o Luciano acha que a maioria dos cursos que surgiram nos anos 2000, ali na esteira de "O Segredo", nem existem mais. Que o pessoal que acabou tomando pra si o termo "coach", no fim, pulou fora.

Luciano Lannes: Por que não fazem mais isso? Porque eles estavam surfando apenas uma onda. Essas pessoas saíram desse mercado de coaching, migraram para outros mercados, principalmente de prosperidade financeira e coisa e tal.

Só que elas deixaram um rastro de destruição do nome "coach". Por isso que elas se desassociaram do nome "coach". Uma coisa que um candidato fala por aí é: "Eu não sou coach", porque ele não quer associar o nome dele a alguma coisa que no mercado é conhecido como algo ruim, né? Então, assim, enquanto enquanto estava dando dinheiro, todo mundo usava.

Depois que isso começou a ficar ruim, porque eles próprios conspurcaram o nome do negócio e desvirtuaram uma filosofia completamente, eles se desassociaram do nome e foram fazer outras coisas. Então isso deu uma tristeza muito grande, porque os profissionais sérios continuaram no mercado.

Carolina Moraes: A bolha dos coaches estourou, e agora tem ex-coach pra tudo

quanto é lado, inclusive – era de se esperar – na política. Para quem é de São Paulo, ou está acompanhando a corrida pela prefeitura na capital paulista, é difícil ouvir falar em "coach" e não pensar imediatamente no Pablo Marçal.

E as marcas da carreira motivacional dele estão ali, no plano de governo.

Ele prevê uma “Jornada da Prosperidade” para pessoas em situação de vulnerabilidade. Ele descreve assim essa jornada: abre aspas, “Abordagem e acolhimento desde o primeiro contato, oferecendo oportunidades reais que promovam a visualização de uma nova realidade, motivando a pessoa a deixar a situação de pobreza para trás”, fecha aspas.

Ana Pinho: Eles agem muito nessa lógica da escassez de tipo tem poucos, tem poucos. Você tem que ser um dos poucos, você tem que ser, tipo...

Aquele: “Trabalhe enquanto eles dormem”, e que vai te mantendo meio que distraído para o fato de que, mesmo quando não funciona, a culpa é sempre sua.

Carolina Moraes: A jornalista Amanda Audi lembrou no programa Roda Viva que o Marçal já tinha dito antes que a solução para a miséria na África – desse jeito mesmo, pro continente todo – é mudar o “mindset” das pessoas. E ela perguntou pro candidato o que ele efetivamente faria – se ele fosse eleito – para ajudar a população vulnerável de São Paulo.

***Pablo Marçal [Roda Viva]:** É o seguinte: fome as pessoas sentem três vezes por dia. Se não der trabalho e não der progresso e não mudar a mentalidade dessas pessoas... Eu não sei se você, Amanda, já experimentou a riqueza. Eu vim da pobreza. Eu já experimentei isso. Qualquer pessoa consegue, desde que deixe de ser um “qualquer um”.*

Carolina Moraes: O Marçal foi conhecido como “coach messiânico” por muito tempo. Em 2022, ele viralizou de vez nas redes sociais depois de colocar um grupo de 30 pessoas em risco no Pico dos Marins, na Serra da Mantiqueira, em São Paulo. Ele levou as pessoas até lá para fazer uma trilha, que era parte de um treinamento motivacional espiritual. Tudo foi feito sem nenhum preparo e todo mundo teve que ser resgatado pelos bombeiros.

Na campanha para prefeitura, como ele vinha sendo associado com frequência à profissão de coach, a Federação Internacional de Coaching divulgou uma nota, em junho, falando que ele não era coach, e que chamar ele de coach era reforçar uma banalização do termo.

O Marçal mesmo não quer ser chamado de coach, apesar de ter ganhado fama como um. Em 2019, um cidadão chamado William Menezes chegou a fazer uma petição para criminalizar o coaching midiático. Nem a proposta foi pra frente, nem o William quis falar com a gente sobre isso.

Tem algumas propostas para reconhecer a profissão de coaching em tramitação na câmara, mas que também não foram para frente, e o fato de não ter regulamentação nenhuma em cima desse tipo de trabalho só torna mais difícil processar essas pessoas.

Ana Pinho: Eu fui procurar alguns advogados para entender por que você pode se dizer uma ativista quântica e isso não é estelionato. Passa por várias coisas, assim, passa por não ser uma atividade regulamentada, o que em si não é ruim.

Mas você não pode ser pego, porque você está falando que você é uma ativista quântica e você não está seguindo as regras do Conselho de Ativismo Quântico, pois não há o Conselho de Ativismo Quântico. Passa por essa coisa de a pessoa que consome aquele conteúdo, paga por aquele conteúdo, não está sendo enganada. Ela não está recebendo algo diferente do que ela comprou, ela comprou algo que não é, enfim, consenso científico. Então fica ali na ideia da crença.

Ela acredita que aquilo pode funcionar e você pode acreditar no que você quiser. Você pode gastar o seu dinheiro no que você quiser que seja lícito.

Carolina Moraes: E também não tem como provar que o coach *sabe* que está mentindo.

Ana Pinho: Então uma avó te dá um chá que diz que vai curar a sua

bronquite em, sei lá, duas horas. Ela acredita naquele chá. Ela está te dando chá porque ela acredita naquele chá. Ela não é uma charlatã. Ela não poderia ser enquadrada como charlatã porque não tem ali a intenção de falar: "na verdade eu estou enganando ela para tomar esse chá e, sei lá, ir dormir mais cedo". Não é isso. Ela realmente acredita naquilo.

Então você vai ter esse filão de pessoas que fala essas coisas fantasiosas e elas vão poder— ou elas realmente acreditam, ou elas vão poder realmente falar que elas acreditam e meio que vai dar na mesma. Porque como é que você vai provar que elas não acreditam?

Deve ter por aí uma avó que sabe que aquele chá não funciona, mas faz pelo efeito placebo nas crianças. Mas aí você vai comprovar? Como?

Carolina Moraes: Esse limbo entre a verdade e a ficção funciona muito bem pros coaches midiáticos. E esse papo de “solução fácil” ganha ainda mais espaço quando as pessoas precisam mesmo de ajuda financeira.

O Brasil – e o resto do mundo, na verdade – tem passado por crises econômicas e reformas trabalhistas que vêm piorando a vida do trabalhador há pelo menos uma década. A pandemia só piorou essa história.

E não faltam relatos de pessoas que pioraram ainda mais a vida financeira depois de gastar o que elas não tinham em cursos de coaching – muitos deles, aliás, cobram juros altos no parcelamento.

Ana Pinho: Eu acho que não é dissimilar, nem a o que acontece com os influenciadores das bets e muito menos dissimilar ao que colocou Trump na presidência da primeira vez. Que é: esse cara mostra que dá pra chegar lá, então vamo, vamo recompensar esse cara porque ele chegou lá, ele acreditou e chegou lá com muita garra. Ele chegou lá. Então eu acho que é uma coisa aspiracional e quase um carimbo de parabéns. Assim: você conseguiu tudo o que eu queria, então eu acredito em você. Vamo que vamo.

Carolina Moraes: No máximo você está vibrando errado seu salário, né. Se você tiver um salário baixo, é só você vibrar um pouquinho melhor para dar

aquele up, assim, na vida.

Ana Pinho: Carol, você já pensou como uma proletária, você pensou em salário. Você tem que pensar em distribuição de lucros! Tem que pensar como uma “Limitada”, não “S.A”. Pensar em salário... É cada uma...

Branca Vianna: Essa foi a Carolina Moraes, que apurou essa história com a Ana Pinho e a Bárbara Rubira. A Ana foi pro curso de reprogramação mental para um episódio do podcast “37 Graus”. O episódio saiu em 2023 e chama "Como mudar seu DNA". A gente vai deixar linkado ali no site pra você conferir depois.

Acho que já deu pra entender que o episódio dessa semana tem um clima eleitoral. A corrida municipal que está dando mais lobo nesse ano é, claro, a de São Paulo, onde a rinha ideológica entre certos candidatos, para provar quem é mais bolsonarista, ficou com cara de rinha de galo, mesmo. E claro que isso não é um fenômeno exclusivo de São Paulo... tem muita prefeitura por aí que tá disputando o legado do ex-presidente.

Se você ouviu “Tempo Quente”, a série original da Rádio Novelo sobre emergência climática, que a gente lançou em 2022, você conhece a cidade sobre a qual a gente vai falar no próximo ato: Novo Progresso.

Mas, se você ainda não ouviu “Tempo Quente”, não tem problema. No segundo ato do episódio, a Paula Scarpin conversou com um cara que conhece bem a cidade, e conta pra gente sobre essa disputa – que tem tudo a ver com esse clima de deserto em que a gente tá vivendo, e com por que ele pode se tornar cada vez mais desértico.

ATO 2: MADEIREIRO X GARIMPEIRO

Paula Scarpin: Daniel, para começar, o que é que é Novo Progresso?

Daniel Camargos: Então, Novo Progresso é uma cidade que fica no sudoeste do Pará. Ela fica dividida pela BR 163. É a rodovia que a soja, que é produzida no Mato Grosso, ela sobe de caminhão até o porto nas margens do rio Tapajós.

Mas ela foi criada, a cidade surgiu, de uma vila de garimpeiros, na década de 80 foi se desenvolvendo...é uma cidade geograficamente isolada, assim, porque ela é a primeira cidade depois que você passa a divisa do Mato Grosso, você cruza ali a Serra do Cachimbo, desce em direção ao Pará.

Ela está numa área cercada de terras indígenas do povo kayapó, principalmente Terra Indígena Menkragnoti, e a Terra Indígena Baú. E de reservas florestais, que é o complexo Jamanxim.

Paula Scarpin: E a gente queria falar de Novo Progresso hoje porque ela representa muitas dinâmicas que estão em jogo nessas eleições municipais. E que vão muito além de coligações e de cadeiradas.

Daniel Camargos: E Novo Progresso é uma cidade que nos últimos anos se desenvolveu muito por vários motivos. Primeiro pela expansão da agropecuária. Eles estão convertendo a floresta em pastagem. Isso é um processo bem avançado que está acontecendo. E agora também começou a virar um local com plantações de soja. Então você tem duas commodities que pressionam essas áreas de reserva e pressionam também as terras indígenas. Além do garimpo, que é onipresente.

Paula Scarpin: Deu pra sentir o drama, né? Esse Daniel, que sabe tudo de Novo Progresso, é o Daniel Camargos, jornalista, que trabalha na Repórter Brasil. E eu quis falar com ele por causa de uma matéria que ele publicou recentemente, cuja manchete era: "Garimpeiro e madeireiro disputam poder na cidade mais bolsonarista da Amazônia". Antes de clicar, eu já sabia que era Novo Progresso. Em 2018, a primeira vez que o Bolsonaro disputou a presidência, ele já teve quase 73% dos votos válidos no primeiro turno.

Daniel Camargos: Teve um casamento muito grande entre a ideologia da cidade e a ideologia do governo, assim.

Paula Scarpin: Novo Progresso se jogou nos braços do Bolsonaro, e o Bolsonaro correspondeu ao amor de Novo Progresso. Por exemplo: ele pavimentou a BR 163.

Daniel Camargos: Que era uma rodovia famosa pelos buracos, pela poeira, na época da seca e pela lama, na época da chuva, que os caminhões ficavam agarrados e tal. Só que essa obra tem muito impacto. Junto com o asfalto rodando liso, tudo rodando perfeito, traz mais pessoas e a possibilidade de aumentar a destruição. Fica mais fácil de chegar ali, fica mais fácil de escoar a produção dali. Então também se tem uma pressão maior na floresta, uma pressão maior nas terras indígenas.

Paula Scarpin: Daí, em 2022, os novoproggressenses cravaram quase 79% dos votos no Bolsonaro em primeiro turno. A cidade mais bolsonarista da Amazônia.

E aí, quando chegou a notícia de que quem ganhou foi o Lula...

Daniel Camargos: Um episódio, assim, surreal. Eu falo que foi o ensaio geral de 8 de janeiro, assim. Os moradores se articularam e fecharam a BR, fecharam a 163. Derrubaram uma castanheira no meio da BR, tem um vídeo...

Manifestante: *Aqui é Novo Progresso! Aqui é Novo Progresso!*

Daniel Camargos: O pessoal gritando: “Aqui é Novo Progresso!”. É uma coisa assustadora.

Paula Scarpin: Bom, aí corta para 2024: eleições municipais.

Essas eleições de agora em Novo Progresso mostram uma coisa que eu já tinha ouvido falar, mas que está cristalizada na disputa nessa cidade. Que muitas decisões sobre o futuro da floresta amazônica estão sendo tomadas não no nível do Ministério do Meio Ambiente, não na troca de governo em nível nacional... elas estão rolando ali no micro, no rés do chão da política municipal.

E aí em Novo Progresso, dá pra perceber o quão embaixo o buraco tá. Na

manchete, o Daniel resumiu os dois únicos candidatos à prefeitura como o "madeireiro" e o "garimpeiro". Mas vamos conhecer melhor cada um deles. O "madeireiro" é o Gelson Dill.

Daniel Camargos: O Gelson Dill, que é o atual prefeito de Novo Progresso...

Paula Scarpin: Nas eleições passadas, ele foi candidato a vice-prefeito. E aí, durante a campanha...

Daniel Camargos: Ele recebeu uma multa do ICMBio justamente por desmatamento em área de reserva. O histórico de multas do Gelson Dill mostra claramente que ele é uma pessoa pró destruição das florestas. E ele defende uma bandeira que é a da redução da Flona do Jamanxim, ele coloca isso no plano de governo dele, que ele defende que essa Flona seja reduzida para permitir a atividade econômica, principalmente pecuária e extração de madeira com mais força lá dentro.

Paula Scarpin: O Gelson Dill nasceu no Paraná, migrou ainda criança para o Mato Grosso nos anos 70, e chegou a Novo Progresso nos anos 90.

Daniel Camargos: Ele é do MDB, que é do partido do governador Helder Barbalho. Só que ele é bolsonarista - considerando que o Helder Barbalho não apoiou o Bolsonaro no segundo turno, nas últimas eleições ele apoiou o presidente Lula, que foi eleito.

Tanto é que o irmão dele é o ministro das Cidades, do atual governo Lula. E o Gelson Dill, ele consegue ser do partido do governador, do Helder Barbalho, apoiado por ele, mas ele tem uma candidata a vice do PL, do Bolsonaro. E as cores dele, da campanha dele, são verde e amarelo. E ele se diz o candidato bolsonarista da cidade.

Paula Scarpin: Esse é o Gelson. O "madeireiro".

Daniel Camargos: Na oposição a ele tem o Juscelino.

Paula Scarpin: Juscelino Alves, ex-prefeito.

Daniel Camargos: É o ex-prefeito de Novo Progresso. Foi prefeito por duas vezes na cidade.

Paula Scarpin: E o Juscelino também reivindica o posto de candidato bolsonarista. Retomando: o Gelson é o madeireiro... o Juscelino é o garimpeiro. Ou quase.

Daniel Camargos: É um piloto de garimpo.

Paula Scarpin: O Juscelino nasceu no Piauí.

Daniel Camargos: Ele é do Nordeste. Ele estava morando em São Paulo, já era piloto e foi para Novo Progresso, quando era tipo uma corruptela de garimpo, com uma igrejinha, uma mercearia, uma coisa bem simples.

E fez a vida voando de avião, levando os garimpeiros para trabalhar nos garimpos da região. Não tem estrada, nem sempre é possível ir pelo rio. E ele fez a vida assim. Se tornou uma pessoa conhecida na cidade, foi eleito duas vezes.

O candidato a vice do Juscelino é o Ubiraci Soares. Ele é conhecido praticamente como Macarrão. E o Macarrão, ele é um garimpeiro conhecido na cidade e é dono de uma dessas lojas que compra e vende ouro. Ele é investigado e foi denunciado pela Polícia Federal por participação em um esquema de garimpo ilegal em Balsas, no Amazonas.

Paula Scarpin: Hoje o Macarrão tá filiado ao União Brasil, e o Juscelino, ao Podemos. E, até aqui tá tranquilo de acompanhar, né?

Madeireiro com madeireiro, garimpeiro com garimpeiro.

Daniel Camargos: Quando o Gelson Dill era vice-prefeito, o Macarrão era o prefeito...

Paula Scarpin: Sim, o Macarrão, hoje vice do Juscelino, também já foi prefeito, e o vice *dele* era o Gelson Dil.

Daniel Camargos: Eles acabaram rompendo.

Paula Scarpin: Rompidos neste momento, né... o amanhã a Deus pertence. Mas fato é que, ali em Novo Progresso, garimpo, extração de madeira, soja, gado... tá tudo junto e misturado. E realmente não importa quem vai ganhar – porque a floresta e as populações indígenas vão sair perdendo.

Daniel Camargos: Então, se o Gelson Dill é verde e amarelo, o Juscelino é amarelo e verde. Os dois disputam para saber quem é mais bolsonarista.

Paula Scarpin: Qualquer semelhança com Ricardo Nunes e Pablo Marçal não é mera coincidência, claro. O Bolsonaro tem muito capital político, e todo candidato de direita tá querendo colar a imagem na dele.

Só que diferente das eleições de São Paulo, em Novo Progresso não faz nenhum sentido o Bolsonaro declarar apoio no Gelson Dill ou no Juscelino Alves.

Daniel Camargos: Também não vejo muito sentido ele se manifestar, porque ele vai ganhar de qualquer maneira. Ninguém vai largar mão dele sendo eleito prefeito de Novo Progresso, porque a cidade abraçou esse ideário bolsonarista sobre a Amazônia, assim. Não só Novo Progresso.

Eu acho que várias cidades, se a gente fizer um cruzamento entre as cidades mais desmatadas e queimadas nos últimos anos, e o resultado das últimas eleições presidenciais, a gente vê que tem um encontro grande entre a vitória do Bolsonaro nessas cidades – e uma vitória expressiva – e o desmatamento e as queimadas, assim.

Porque, sem fazer juízo de valor aqui, mas o discurso do Bolsonaro, ele caiu como uma luva para as pessoas que residem nessas cidades. Que são pessoas que migraram muitas vezes para essas cidades amazônicas.

Cidades que se desenvolveram com atividades agropecuárias e que têm aquela ideologia de ser os que enfrentaram os perigos da floresta, né?

Paula Scarpin: A primeira vez que o Daniel teve em Novo Progresso foi em 2019, logo depois do "Dia do Fogo". É até engraçado – quer dizer: não é engraçado, é trágico falar em "Dia do Fogo" nesse momento, porque nas últimas semanas todo dia tem sido "dia do fogo".

Mas, em 2019, o dia do fogo também não foi um dia só.

Daniel Camargos: O "Dia do fogo" foi dia 10 e 11 de agosto. "Dia do Fogo", na verdade, foram dois dias: um final de semana, um sábado e um domingo, 10 e 11 de agosto de 2019, né?

Tinha uma suspeita que havia tido uma combinação no WhatsApp entre produtores rurais e empresários para uma queima organizada, para justamente dificultar fiscalizar, apagar o fogo e punir essas pessoas.

Paula Scarpin: O Daniel foi para lá, para cobrir, assim que ele pôde, e ele não foi sozinho.

Daniel Camargos: Eu fui pela Repórter Brasil, e a gente fez uma parceria com o jornal Guardian, e o correspondente do Guardian era o grande Dom Phillips, que foi assassinado há dois anos, lá no Vale do Javari, a gente foi junto...

Paula Scarpin: Não precisa nem dizer que fazer reportagem em campo nestas regiões é muito perigoso, né?

Daniel Camargos: Com essa polarização toda que foi acirrada nos últimos anos, você passa a ser visto como um inimigo de grande parte da população lá. De todas as cidades que têm uma característica de fronteira agrícola em expansão, Novo Progresso é a mais difícil. É a cidade que eu sinto mais dificuldade de navegar e trabalhar, assim.

Paula Scarpin: É difícil e é perigoso pra quem é de fora – haja vista o exemplo do próprio Dom Phillips, né? Mas imagina para quem mora ali?

Daniel Camargos: É como grande parte do interior do Brasil, eu acho assim. São um deserto de notícias. E acho que é muito difícil cobrar que se faça um jornalismo investigativo ou um jornalismo de denúncia nessas cidades.

Porque a vulnerabilidade do jornalista ou do veículo de comunicação que fizer isso é muito grande, porque não tem o mesmo aparato da sociedade civil defendendo ele que a gente tem.

Você tem no Rio, tem em Belo Horizonte ou em São Paulo, em Brasília. Geralmente são pessoas muitas vezes perigosas, que vão ser denunciadas e você vai encontrar com a pessoa na padaria ou no supermercado.

Então, você fica muito exposto. Entendo perfeitamente as críticas ao jornalismo paraquedas que você desce, e depois, solta a bomba e vai embora... Mas realmente, em campo, eu acho que é difícilimo.

Paula Scarpin: O Brasil é um dos países que mais mata jornalistas no mundo, e essa sem dúvidas é uma das principais razões por trás dos "desertos de notícias" – principalmente quando a gente fala de mídia local, de veículos locais independentes ou mesmo sucursais de veículos maiores que sejam dedicadas à cobertura local no interior do Brasil.

Mas a violência não é a única razão. A imprensa como um todo, no mundo todo, tá em crise. Crise de publicidade – de anunciantes fechando a torneira, ou migrando para influencers, por exemplo. Crise de assinantes, de venda em bancas – de tanta gente que prefere "se informar" pelas redes sociais...

Esse é outro exemplo de como, independente do resultado das eleições, a gente já sai no prejuízo. Porque do jeito que tá, com a cobertura hiperfocada nas grandes capitais e pouquíssima gente pra fiscalizar a política de milhares de municípios país afora... a gente nem sabe direito o que a gente tá perdendo.

Branca Vianna: Essa foi a Paula Scarpin.

E, no terceiro ato do episódio de hoje, a Bárbara Rubira conversou com uma jornalista que está tentando firmar um oásis no deserto de notícias da região dela.

ATO 3: POÇÕES E O CORETO

Bárbara Rubira: Como é que foi, enquanto uma poçoense são-paulina, ter um poçoense no São Paulo? Qual que foi a tua emoção pessoal?

Raquel Lemos: Cara, você não tá entendendo... mano!

Bárbara Rubira: O poçoense em questão é o volante Marcos Antônio, que em julho de 2024 foi anunciado como novo reforço do São Paulo Futebol Clube, emprestado pela Lazio.

Coletiva de Imprensa [SPFC]: Revelado no Athletico Paranaense, o Marcos Antônio chega por empréstimo até o meio da temporada de 2025, e no São Paulo utilizará o número 20.

Raquel Lemos: Quando começou o burburinho de que ele ia pro Flamengo, eu fiquei meio puta.

Bárbara Rubira: [risos]

Raquel Lemos: E o cara foi para o São Paulo, que é o meu time. Você está entendendo?

Bárbara Rubira: E essa é a Raquel Lemos.

Raquel Lemos: Eu surtei real. Cara, é uma coisa, assim, surreal. E não, sabe o que é melhor? Na coletiva de imprensa...

Marcos Antônio: Como você falou, sou de Poções. Para todos nós lá, é uma grande alegria ter uma pessoa poçoense em um grande clube.

E eu sou muito feliz de ser essa pessoa que carrega o nome da minha cidade, Poções.

Raquel Lemos: Porra! Todos esses jornalistas agora sabem que essa cidade existe, cara. Aí depois disso, comecei a ver um monte de notícias em veículo grande, falando que ele nasceu em Poções! [risos] Chupa essa!

Bárbara Rubira: Para a Raquel, o anúncio de um menino da cidade dela indo jogar no time pelo qual ela torceu a vida toda foi um momento mais especial ainda porque a Raquel não só leu a notícia nos grandes portais de esporte. Ela teve a honra de dar essa notícia pra todo o povo de Poções.

Raquel Lemos: Eu até escrevi a notícia antes de confirmar que ele ia. Quando teve o burburinho de que ele ia, eu deixei a matéria pronta!

Bárbara Rubira: A Raquel falou comigo do Espírito Santo, onde ela tá fazendo o mestrado dela, na Ufes. Mas ela nasceu e cresceu em Poções, como você pode notar. Uma cidade de 48 mil habitantes, no sudoeste da Bahia, a uns 70 quilômetros de Vitória da Conquista.

Raquel Lemos: Fui criada em Poções, a minha família se divide ali na microrregião, entre Poções, Planalto, Bom Jesus da Serra, então é um monte de cidade pequeninha, uma colada na outra, então tô sempre conectada com aquele lugar por diversos motivos, mas principalmente porque a minha família tá toda lá.

Bárbara Rubira: Como é que você me descreveria Poções?

Raquel Lemos: Ela é uma cidade dividida pela BR 116. Visualiza assim: você está chegando na entrada da cidade, tem uma placa te dizendo que você é "bem vindo à Terra do Divino", porque o padroeiro de Poções é o Divino Espírito Santo.

Se você pegar uma grande avenida em Poções, você vai chegar no centro da cidade. E quando você chega lá no centro da cidade, você vai se deparar com a Igreja Matriz, muito antiga, e um jardimzinho.

Aí você desce uma ladeira, aí você chega na Praça do Divino, que é onde acontece geralmente as festas. Em frente a Praça do Divino tem a igreja, uma igreja menor. E ali do lado da igreja, tem o jardim onde fica o coreto.

Bárbara Rubira: Um coreto, pra quem não sabe, é tipo um quiosque, construído ao ar livre, e normalmente usado para apresentações musicais ou teatrais¹.

O nome “coreto” vem daí – de “pequeno coro”.

Raquel Lemos: Que é um monumento antiquíssimo da cidade.

Bárbara Rubira: O coreto existe desde 1949. Quando era criança, a Raquel ia para a praça onde ele ficava com a mãe e os irmãos, para passear, comprar pipoca, brincar... E ela lembra de ver o coreto sempre ocupado. Tinha apresentações de música, grupos de dança... No fim do ano, quando a cidade toda fica decorada para o Natal, o coreto vira presépio.

Raquel Lemos: Parece que ele é o marco...

Bárbara Rubira: O coração da cidade.

Raquel Lemos: Isso. Exato. O coração da cidade.

Bárbara Rubira: Por isso que você escolheu esse nome, então.

Raquel Lemos: É, porque você pensa em Poções, você enxerga o coreto, então não tinha como não ser isso, sabe?

Bárbara Rubira: *Coreto*, além de ser esse marco poçoense, também é o nome do *site* da Raquel. Um veículo de notícias hiperlocal, dedicado à cobertura jornalística de Poções e de outras 7 cidades pequenas no entorno.

Raquel Lemos: Tem Bom Jesus, tem Mirante, tem Boa Nova, tem Iguai, que são cidades menores, bem menores.

¹ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/coreto/>

Bárbara Rubira: A Raquel saiu de Poções com 17 anos, depois de passar no vestibular. Ela foi estudar jornalismo na Uesb, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista. Foi na graduação que ela se apaixonou pelo jornalismo independente. E a ideia de fundar um projeto de jornalismo local em Poções veio quando ela se juntou com uma colega de turma também poçoense, a Leila Costa.

Raquel Lemos: A família de Leila era da mesma igreja que a família da minha mãe, a igreja em que eu cresci. Então conheço Leila de outros carnavais... ou cultos, no caso [risos].

Bárbara Rubira: Tendo crescido em Poções, as duas conheciam bem o cenário do jornalismo por lá — ou, no caso, da falta dele.

Cerca de 26 milhões de brasileiros vivem hoje em "desertos de notícias" — em cidades onde não tem veículos de imprensa. Esse é o caso de muitas cidades pequenas e do interior. Quase metade dos municípios do Brasil, segundo os últimos dados do Atlas da Notícia.

Poções não se classifica exatamente como um deserto porque lá tem rádio local. E tem também uns blogs, tocados por figuras populares da cidade, que publicam notícias da região.

Raquel Lemos: Os blogueiros, tipo assim, o "blog do fulano", aí o blog do fulano, ele conta tudo a partir dele, em notícias que só tinham um parágrafo, às vezes só tinham título, não tinha fonte. Não tinha porque eles não eram jornalistas. E aí, sempre em época de eleição, é "o blogueiro X apoia o prefeito Y"...

Bárbara Rubira: Quer dizer - não dá pra confiar numa cobertura crítica e isenta num portal que tá apoiando abertamente um ou outro político local. Por essas e outras, muita gente em Poções sentia falta de ter na cidade um veículo sério, dedicado realmente às questões da cidade.

Raquel Lemos: "Faz um jornalismo em Poções, faz um site, traz um veículo. A gente precisa de uma coisa séria!". E eu e Leila, assim, muito

inconformadas em ver a cidade nessa situação...

Bárbara Rubira: Foi daí que surgiu o Coreto. A Raquel e a Leila passaram anos pensando juntas o projeto, que foi sair do papel mesmo em 2020, durante a pandemia. Primeiro pelo Instagram, porque faltava grana pra pagar um programador para desenvolver o site. E com outros colegas poçoenses ajudando na produção do conteúdo. O *site* Coreto foi lançado em maio de 2022.

E foi lá que, agora em julho, a Raquel pôde publicar, com o maior orgulho, que o "Poçoense Marcos Antônio é o novo reforço do São Paulo"².

Raquel Lemos: Quando a gente lançou em 2022, a gente lançou com essa expectativa, esperando 2024 chegar. E chegou.

Bárbara Rubira: 2024... ano de eleições municipais.

Raquel Lemos: E de fato, eu falo assim, sem nenhum medo de alguém vir me refutar: É a primeira vez que Poções tem uma cobertura jornalística de eleições.

Bárbara Rubira: A *primeira cobertura eleitoral* em Poções. Em anos anteriores, a cidade ficava refém dos blogueiros — cada um apoiando abertamente o seu candidato. A rádio comunitária não chegava a tanto, mas também não se aprofundava muito na cobertura.

A TV Sudoeste, que é a afiliada da Globo na região, sempre mantém o foco da cobertura em Vitória da Conquista, onde ela é sediada. Não dá pra esperar que a cobertura estadual se aprofunde em cada um dos mais de 400 municípios da Bahia. A nacional, então, nem se fala.

Então o objetivo da Raquel e da equipe do Coreto é fazer, pela primeira vez, a cobertura que o povo da cidade merece — e precisa. Mas para isso, o time teve que percorrer um longo caminho nos últimos 2 anos.

² <https://sitecoreto.com/pocoense-marcos-antonio-reforco-do-sao-paulo/>

Raquel Lemos: A gente começou a fazer esse processo de educação midiática... Como ninguém nunca tinha consumido esse tipo de conteúdo, e um jornalismo da forma como nós fazemos, a gente precisou ir fazendo aquele papel de: "ó, a nossa matéria é publicada assim..."

Bárbara Rubira: Para mostrar pros leitores que o Coreto era um veículo sério, confiável, e isento, esse processo de educação midiática foi fundamental. Começando pelo básico mesmo.

Raquel Lemos: No início, a gente começou a publicar vídeos explicando quais eram os gêneros jornalísticos. Então a gente foi falando o que era um artigo de opinião, o que era um editorial, o que era uma reportagem. Fomos fazendo isso através do Instagram.

Bárbara Rubira: Foi um trabalho de formiguinha pra chegar até aqui, nessa primeira cobertura eleitoral. E, por ser a primeira, a Raquel sabe que também não dá pra dar um passo maior que a perna.

Raquel Lemos: Como tudo foi uma base de teste, desde o início, a gente pensou: "vamos entrar nas eleições fazendo uma cobertura teste?"

Bárbara Rubira: Primeiro porque a equipe é pequena, e ninguém consegue se dedicar ao Coreto em tempo integral. Mas tem também outras questões...

Raquel Lemos: Todo mundo conhece a gente desde criança, conhece as nossas famílias, nossas famílias moram onde sempre moraram. Então a gente teve que... Sabe? Ter esses cuidados.

Bárbara Rubira: Rolaram dois episódios nos últimos anos que mostraram pra Raquel a importância desses cuidados. O primeiro aconteceu em 2020, nas últimas eleições municipais.

Raquel Lemos: Tinha uma candidata a vereadora que é lésbica, né? Ela inclusive foi a primeira mulher lésbica eleita vereadora de Poções³. E aí

3

<https://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/arquiteta-lesbica-e-eleita-vereadora-em-pocoas-na-bahia/>

alguns pastores começaram a fazer discursos nos púlpitos das igrejas dizendo que quem votasse nela ia amaldiçoar a cidade, um discurso homofóbico, né?

Bárbara Rubira: Na época, o Coreto ainda não tinha sido lançado. E a Raquel, que cresceu na igreja evangélica, ficou revoltada quando ela ouviu os pastores usando o púlpito para fazer um discurso criminoso. Então ela escreveu um texto denunciando o caso no Facebook pessoal dela.

Raquel Lemos: Cara, você não tem noção do B.O. que deu, esse texto que eu publiquei.

Bárbara Rubira: Bom, cidade pequena... Só se falava nisso. A Raquel recebeu o apoio de muita gente por ter escrito aquele texto. Mas não de todo mundo. Era pandemia, e ela estava na casa da família dela, em Poções, na época... No dia seguinte, ela saiu de casa pra fazer uns exames médicos, coisa rápida.

Raquel Lemos: Foram na casa da minha mãe. Eu estava chegando em casa, tinham cinco pastores sentados na sala, querendo que eu apagasse, não sei o que... Foi um B.O. doido.

Bárbara Rubira: A Raquel comprou a briga e não apagou coisa nenhuma. O texto tá até hoje lá na página dela. E até hoje, ela encontra conterrâneos que lembram: "Ah, você é a menina que escreveu aquele texto? Menina, que bafafá!"

O outro episódio aconteceu em maio de 2022, logo na semana em que ela e a Leila lançaram o Coreto.

Raquel Lemos: Tinha um adolescente trans na cidade que estava sendo impedido de usar o nome social dele na escola.

Bárbara Rubira: O uso do nome social por pessoas trans é um direito garantido no âmbito da administração pública federal por um decreto assinado pela Dilma em 2016. Mas não tinha uma lei que falasse sobre isso em Poções a nível municipal.

A denúncia da família desse adolescente chegou a uma vereadora, que propôs um

projeto de lei determinando o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas trans no campo da administração pública municipal, e principalmente nos registros escolares.

Raquel Lemos: Mas o que aconteceu? Um pastor muito influente na cidade — que não por acaso era um dos pastores que foi na minha casa lá em 2020, quando eu publiquei o texto — divulgou áudios chamando todos os evangélicos para lotar a Câmara, para pressionar os vereadores a votar contra.

Bárbara Rubira: Era uma tentativa clara de intimidação, para que o projeto não fosse adiante.

Raquel Lemos: E ele usou palavras como "essa aberração". Sabe? Usou termos muito transfóbicos, enfim. E a gravidade foi que nos áudios ele revelou a identidade do adolescente, né, era um menor.

Aconteceu de pessoas apedrejarem a casa desse adolescente, ameaçar a família dele. A mãe dele trabalhava com encomendas, ela perdeu todas as encomendas. Foi uma perseguição, foi uma violência, e a gente produzia matéria entrevistando as vítimas..

Bárbara Rubira: Foi a primeira grande cobertura do Coreto, logo nos primeiros dias do site no ar⁴. E depois que o Coreto publicou as denúncias, o caso acabou repercutindo também na imprensa estadual e até nacional.

***Trecho de Telejornal [Bahia Meio Dia]:** Olha só o que aconteceu em Poções: uma casa de uma família foi apedrejada e invadida por pessoas que também ofenderam e xingaram as pessoas da casa. Sabe por que desse crime? Porque um adolescente transgênero quer usar o nome social, um direito dele.*

Bárbara Rubira: Saiu no g1⁵, no Bahia Meio Dia⁶, no UOL⁷...

Raquel Lemos: A gente ficou com o quê? Com a retaliação. Foi gente ameaçando, falando que a gente estava publicando fake news, aquela coisa toda.

Bárbara Rubira: Jornalismo local tem dessas coisas. Quanto mais próxima a notícia, mais próxima ela é da casa do repórter, né. Mas a Raquel e a Leila não se deixaram intimidar, e seguiram com a cobertura.

Raquel Lemos: Mas com base nisso, a gente pensou em fazer uma cobertura de eleições esse ano mais teste, mais "light", entre aspas, de uma forma que a gente não se colocasse tanto em risco.

Bárbara Rubira: Vamos, então, a 2024. Primeiro, os candidatos:

Raquel Lemos: Hoje tem três candidatos disputando cargo, mas a disputa, mesmo, oficial, é entre dois grupos que sempre se dividiram. Tem a família Magalhães de um lado que é uma família que domina a cidade.

Bárbara Rubira: A família Magalhães, em 2024, disputa a reeleição. A atual prefeita é Irenilda Cunha de Magalhães, conhecida como Dona Nilda, do PC do B. Ela é casada com Otto Magalhães, que também já foi prefeito, entre 2013 e 2016.

Raquel Lemos: Atualmente, o outro lado que alterna com a família Magalhães é a família Mascarenhas...

⁵

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/06/06/casa-de-adolescente-transgenero-e-apedrejada-apos-ele-reivindicar-ser-chamado-pelo-nome-social-em-escola-na-bahia.ghtml>

⁶ <https://globoplay.globo.com/v/10642947/>

⁷

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/07/menino-trans-tem-casa-apedrejada-na-ba-chamam-ele-de-aberracao-diz-mae.htm>

Bárbara Rubira: A família Mascarenhas, nesse pleito, é representada por Luciano Araújo Mascarenhas, o Luciano de Tonhe Gordo, que concorre pelo PSD. Ele já foi prefeito entre 2009 e 2013, e ele é filho de outro ex-prefeito, Antônio Edvaldo Macêdo Mascarenhas — o tal Tonhe Gordo — que foi prefeito por 2 vezes. Ah, e o irmão dele, Léo, já foi prefeito também.

Raquel Lemos: Então hoje tem essas duas famílias, assim, alternando por poder. Aí agora está surgindo esse grupo que se apresenta como terceira via, que não necessariamente o sobrenome dela tem tradição política, mas tem tradição na cidade, muito na área de negócios, inclusive.

Bárbara Rubira: Esse terceiro candidato é o vereador Diogo Chulú, que concorre pelo Partido Novo.

Raquel Lemos: Mas o vice tem o sobrenome Cunha, que é uma família que ora tá de um lado e tá de outro.

Bárbara Rubira: A polarização em Poções, então, é uma polarização muito mais entre famílias, entre grupos políticos locais, do que uma polarização a nível nacional, digamos, que é uma posição ideológica e partidária, certo?

Raquel Lemos: Isso não existe em Poções. Quer dizer, existe, mas isso é insignificante na hora de votar. Porque você tem uma prefeita em Poções do PC do B que já falou em público que ama Michelle Bolsonaro. A coligação do PC do B em Poções tem Podemos. As articulações não têm nada a ver com a política nacional, assim.

Você tem uma população que ela tá, a maior parte dela, em emprego informal, né? Você tem uma população desassistida pelas políticas de empregabilidade... Então todo mundo depende muito da assistência social do município, que é muito escassa. Então acaba sempre se apegando a um candidato A ou B. Não só prefeito, mas o vereador do bairro, ou que ajuda fulano.

Então isso é uma estratégia também política, de manter a população nessa

dependência assistencialista e no sentido, e não de assistência social como política pública, mas um assistencialismo de troca, mesmo, de favores.

Bárbara Rubira: Nessas eleições, a equipe do Coreto tá começando pelo básico mesmo: a cobertura foi inaugurada com uma matéria de apresentação das candidaturas à prefeitura de Poções e das outras cidades da microrregião.

Depois, a Raquel fez uma matéria analisando os planos de governo das três candidaturas que estão disputando a prefeitura poçoense. E a análise dela revela que... bom, primeiro, que falta muito capricho e revisão de texto. Ela também encontrou muitas propostas genéricas, sem um plano prático de aplicação.

Mas os maiores absurdos estavam no plano de governo da "terceira via", que propõe, por exemplo, a "implantação de escolas teatrais no Teatro das Ribeiras dos Iscos". Legal, né? Escola de teatro... Só que não tem nenhum "Teatro das Ribeiras dos Iscos" em Poções.

Existe um Teatro das Ribeiras dos Icó... que fica em Icó, Ceará, a mais de mil quilômetros. Não sei de onde tiraram essa proposta – mas pra mim tem cheirinho de ChatGPT. Um outro trecho do plano também propõe a "criação de ONGs" para resgatar animais de rua.

Raquel Lemos: E aí eu te pergunto: como que o governo municipal vai fundar uma organização não governamental?

Bárbara Rubira: Seria no mínimo inovador. E a Raquel descobriu uma coisa que talvez explique por que algumas dessas propostas não fazem muito sentido. Ela colocou o plano de governo da candidatura do Diogo Chulú num daqueles programas para identificar plágio.

E aí... adivinha? O documento tem vários trechos idênticos a outros planos de governo de Marapanim, no Pará; Augusto de Lima, Minas Gerais; Adrianópolis, Paraná...

Quando a equipe do Coreto questionou a chapa sobre isso, a justificativa foi de que faltou tempo e equipe para bolar e redigir o plano de governo. Mas que, no fim das

contas, é "só um papel". Ou seja: que o plano de governo, na verdade, seria um documento sem importância.

Teve quem não gostou da matéria, nessa de apoiar seu candidato, e reclamou em grupos de WhatsApp que o que a Raquel tava fazendo era "fake news". Uma interpretação curiosa de "fake news", considerando que a matéria estava só repercutindo erros e inconsistências exatamente como elas estão nos planos oficiais de governo enviados ao TSE. Faz parte.

Mas, no geral, a resposta dos leitores tem sido bem positiva. O Coreto tem promovido também uma série de entrevistas com os aspirantes à prefeitura. E essa relação que a equipe conseguiu construir com o público ao longo dos anos tem sido fundamental: eles puderam abrir o espaço pros eleitores mandarem, também, suas próprias perguntas pros candidatos.

A cidade tá podendo colaborar e ser ouvida de um jeito que ela nunca pôde antes.

Bárbara Rubira: eu queria saber, tipo, dos seus sonhos pro Coreto, para cobertura em Poções. para o futuro...

Raquel Lemos: Ah, cara, eu acho que meu maior sonho nesse momento é financiamento [ri]. A gente tá fazendo esse trabalho há quase três anos, mas até hoje todo mundo tem outros trabalhos. A gente precisa trabalhar para o Coreto, pelo que a gente ama, e fazer outros trabalhos para pagar as contas. É exatamente assim a nossa vida.

Bárbara Rubira: Como diretora executiva do Coreto, a Raquel tá todo dia no corre pra tentar dinheiro pro projeto. Ela já conseguiu algumas bolsas, alguns editais, mas nada que garanta um fluxo de caixa perene. Eles também já receberam recursos por meio das doações dos leitores, mas a Raquel sabe que não dá pra depender disso.

Raquel Lemos: Gente, eu estou falando de uma população que a maioria está em uma situação de trabalho informal. É muita presunção achar que uma pessoa que ganha R\$ 400, ela vai no final do mês tirar R\$ 30 para

contribuir com um veículo de jornalismo. Claro que é importante, claro que importante, mas, assim, a população tem outras urgências.

Bárbara Rubira: Esse é talvez o maior desafio do jornalismo como um todo hoje: fazer jornalismo se mantendo financeiramente sustentável, num tempo em que não se compra mais jornal. E os desafios são ainda maiores quando a gente fala de um projeto independente e hiperlocal.

Raquel Lemos: Eu vou para esses eventos assim, mais aqui em São Paulo, Rio e contato com essas outras organizações... E eu falo da gente, para tentar fazer o Sudeste, quem tem dinheiro, olhar pra gente, porque assim... Os recursos que vão para o Nordeste, geralmente vão para as capitais.

Bárbara Rubira: Na luta para conseguir recursos pro Coreto, a Raquel tá competindo com outras iniciativas muito maiores, de cobertura estadual e nacional.

Raquel Lemos: Então quem é que pode apoiar a gente? Quem é a empresa que se interessa por patrocinar uma cidade de 48 mil habitantes, sabe? Eu acho que o nosso maior sonho é ter dinheiro para pagar a equipe e... e ser valorizado por um impacto micro mesmo, porque para a nossa cidade esse impacto é muito grande, sabe?

De algum modo, isso também impacta com a estrutura do jornalismo nacional, porque é uma cidade sendo transformada a partir de um jornalismo. Sem ser muito presunçosa de achar que tipo: "porque o Coreto existe, a cidade se transformou". Não é isso. Mas de tipo, existe o Coreto agora e antes não existia. E as coisas estão diferentes em algum modo, em algum aspecto.

Branca Vianna: Essa foi a Bárbara Rubira.

Obrigada por chegar até o final de mais este episódio do Rádio Novelo Apresenta. Você sabe que toda semana a gente prepara um conteúdo adicional caprichado de cada episódio no nosso site, né? Além da transcrição completa, tem sempre fotos,

referências de cada assunto que a gente tratou aqui, informações pra quem quer ir mais a fundo nas histórias.

Essa semana tem fotos da Ana Pinho no evento de reprogramação mental em que ela se enfiou, tem links pro jornal Coreto, de Poções, e também pras reportagens do Daniel Camargos sobre Novo Progresso. Aliás: se você já completou o bingo dos podcasts produzidos pela Rádio Novelo, talvez a voz do Daniel tenha te soado familiar: é porque ele apresentou o "Cova Medida", uma série dentro da Rádio Batente, o canal da Repórter Brasil, que está disponível em todos os aplicativos de podcast.

Fica o convite pra quem ainda não escutou e pra quem quer reescutar – e isso vale pro Tempo Quente também, que infelizmente tá cada dia mais atual. Mais uma vez te convidando aqui para assinar a nossa newsletter, para seguir o canal da Rádio Novelo no WhatsApp, pra seguir a gente no seu aplicativo de áudio preferido: Spotify, Apple, Deezer, enfim, onde você ouvir... no YouTube também.

A gente também agradece muito se você compartilhar o podcast nas suas redes, mandar para um amigo, para um parente, pra alguém que você acha que pode gostar... porque isso ajuda a gente a crescer. Se você quiser falar com a gente, é só marcar @radionovelo no Instagram, no Threads, ou no Bluesky, ou mandar e-mail pro apresenta@radionovelo.com.br.

—

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A Natália Silva é editora executiva.

Nossos repórteres e roteiristas são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel, a Carol Pires, a Bárbara Rubira, e a Carolina Moraes.

A Ashiley Calvo é produtora.

A checagem deste episódio foi feita pela Caroline Farah, pelo Rodolfo Vianna e pelo Bruno Lima.

O desenho de som desse episódio é da Bia Guimarães e da Paula Scarpin.

Nesse episódio, a gente usou música original de Pedro Nêgo e música adicional da Blue Dot.

A mixagem é da Bia Guimarães e da Júlia Matos.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira

é a Thainá Nogueira, a nossa coordenadora executiva é a Lara Martins,

e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.